

Platão (428-348 a.C.)

## “Imitação, cópia e simulacro”

Não é segredo: a condenação platônica da pintura pesou de forma considerável sobre toda a história das artes visuais; nesse contexto, seria difícil não começar este volume com alguns dos trechos mais representativos da obra do filósofo. O ataque mais violento foi desenvolvido em *A república*, que leva à exclusão do pintor — e do poeta dramático - da cidade. A cidade ideal, aquela onde os filósofos serão reis ou os reis filósofos, não inclui nem pintores nem autores de teatro. Com efeito, a pintura só diz respeito à aparência das coisas, não à sua essência. Diz Platão que ela está afastada da verdade em três graus, uma vez que o pintor imita um objeto que já é por sua vez uma imitação, uma imagem da Ideia (é o célebre exemplo das três camas: a Ideia da cama, a cama fabricada pelo artesão que contempla a Ideia, e a cama do pintor que imita a do artesão). Ao mesmo tempo mentirosa e sedutora, a pintura é portanto uma atividade inútil e perigosa, em todos os pontos semelhante à dos retóricos e dos sofistas. Essa condenação da pintura como prática sofisticada é longamente desenvolvida em *O sofista*. Da mesma forma que o sofista pretende falar de tudo, isto é, do que ele ignora, o pintor pretende fabricar imagens de todo tipo. Contudo, a mimese pictórica, constata Platão, apresenta a particularidade de não ser uma cópia fiel, uma imagem parecida com a coisa, mas sim um simulacro enganador. Com efeito, o pintor é forçado a se afastar das proporções reais para produzir uma imagem que pareça verdadeira, isto é, que dê ao espectador a ilusão de ver a própria coisa.

É possível detectar neste trecho os efeitos das controvérsias causadas, naquela época, por certas inovações artísticas. Transformando-se por influência do teatro, a pintura havia descoberto a arte da perspectiva enganosa, procedimento este que consiste em criar de longe a ilusão da realidade, por meio do jogo de sombras e cores. É esta arte, conhecida como "skiagrafia", introduzida por Apólodres o Skiágrafo no século V, e depois desenvolvida com notório talento por Zêuxis e Parrásio, que Platão condena aqui. Essas imagens fabricadas pelos pintores são duplamente enganadoras na medida em que elas não são simples cópias, análogas às sombras projetadas sobre a parede da caverna, mas sim invenções, objetos de um verdadeiro teatro de sombras sem relação com a natureza ou com a estrutura do mundo original.

## A república

### *Livro X*

[598b-c]

Sócrates: [...] “Agora observa isso. Com relação a cada coisa, a pintura se faz tendo em vista o quê? Ela imita tendo em vista o que é, tal como é; ou aquilo que aparece, tal como aparece; é a imitação [*mimesis*] de um fantasma [*phantasma*] ou de uma verdade?”

Glauco: “De um fantasma”.

Sócrates: “Longe então da verdade está a arte da imitação. E se isso tudo produz, é, ao que parece, porque apreende apenas um pouco de cada coisa, e esse pouco é um simulacro [*eidolon*]. Assim como, digamos, o pintor nos pintará um sapateiro, um carpinteiro e outros artesãos, sem conhecer nenhuma dessas artes. Mesmo assim, se for bom pintor, tendo pintado um carpinteiro e mostrando-o de longe, poderia enganar crianças e homens tolos, levando- i> i crer que seja um carpinteiro de verdade.” [...]

[600e-601a]

Sócrates: “Não devemos então afirmar que todos os poetas, a começar por Homero, imitam simulacros da virtude, e das outras coisas que produzem, e não apreendem a verdade? Mas, como dizíamos há pouco, não fará o pin- toi o que parece ser um sapateiro, sem conhecer ele próprio a arte da sapataria, assim como aqueles para os quais ele pinta e que julgam a partir de cores e formas?” [...]

“Assim também, creio que diremos que o poeta — ele próprio não sabendo mais do que imitar — reveste de cores, com palavras e frases, cada uma das outras artes de modo a parecer a outros tais, que julgam a partir dos discursos, falar muito bem, quando fala da arte do sapateiro, da estratégia, ou de qualquer outra coisa com ritmo, metro e harmonia. Tamanho é o encanto que esses, por natureza, possuem. Pois, despidas das cores da música e proferidas por si só, creio que sabes como se parecem essas obras dos poetas. Certamente as observaste.”

Glauco: “Sim”.

Sócrates: “Não se assemelham às faces dos que são jovens, mas não belos, quando a flor da juventude as abandona?”

## O sofista

[233d]

Estrangeiro: “[...] se alguém dissesse não saber falar e refutar, mas, por meio de uma arte, saber fazer e produzir absolutamente todas as coisas.”

Teeteto: “Como assim, absolutamente todas as coisas?” Estrangeiro: “Não compreendes logo o princípio do que eu disse, pois não pareces entender o que são ‘absolutamente todas as coisas’.”

Teeteto: “De fato, não.”

Estrangeiro: “Com ‘todas as coisas’ quero dizer tu e eu e, além de nós, todos os outros animais e as plantas.”

Teeteto: Como?

Estrangeiro: “Se alguém dissesse fazer a mim e a ti e a todas as outras criaturas.”

Teeteto: “Que fazer é esse de que estás falando? Certamente não dirás que ele é um agricultor, pois dizes que também faz animais.”

Estrangeiro: “Sim, e além disso o mar, a terra, o céu, os deuses e todas as outras coisas. E, ainda, depois de fazer cada uma delas rapidamente, as entrega por uma soma bem modesta.”

Teeteto: “Estás brincando.”

Estrangeiro: “É? E quando alguém diz que sabe todas as coisas e que poderia ensiná-las a outro por pouco e em pouco tempo, não se deve considerar isso uma brincadeira?”

Teeteto: “Certamente.”

Estrangeiro: “E conheces forma de brincadeira mais engenhosa e graciosa do que a da arte da imitação [*to mime- tikon*] ?”

Teeteto: “De modo algum. Pois, compreendendo tudo em uma só coisa, falas de uma forma frequente e, talvez, a mais variada.”

Estrangeiro: “Assim, quanto ao que professa ser capaz de fazer todas as coisas por meio de uma arte, reconhecemos que, produzindo por meio da arte da pintura imitações e homônimos das coisas que existem e, mostrando os desenhos de longe, a meninos jovens e tolos ele será capaz de fato por alguém que pode fazer o que quiser, sendo de faio capaz de realizar isso.” [...]

[235d]

Estrangeiro: “De acordo com o modo anterior de di- \ i ,io, parece que agora vejo também duas formas de arte «l.i imitação.» [...]

“Uma arte, que vejo na da imitação, é a de fazer có- pias [*eikastike*]. E essa ocorre, no mais alto grau, quando al- giiém realiza a produção da cópia conforme as mesmas med- did.is do modelo, em comprimento, largura e profundidade e, além disso, confere a cada

uma das partes as cores .ipropriadas.”

Teeteto: “Mas não é isso o que tentam fazer todos os que imitam?”

Estrangeiro: “Não os que modelam ou pintam obras gi .ilides. Pois, se a essas conferissem a verdadeira medida das coisas belas, sabes que as partes de cima pareceriam meno- ies do que deveriam e, as de baixo, maiores; porque umas s.io vistas por nós de longe e as outras, de perto.”

Teeteto: E certo.

Estrangeiro: “Não é que agora os artífices, renunciando à verdade, conferem aos simulacros [*eidola*] não as medidas que de fato existem, mas as que parecem belas?”

Teeteto: “É certo.”

Estrangeiro: “E o que é outro, mas semelhante [*eitos*], não é justo chamar de cópia [*eiton*]?”

Teeteto: dim.

Estrangeiro: “E da arte da imitação, a parte que a isso diz respeito não deve ser chamada, como dissemos antes, de arte da cópia?”

Teeteto: “Deve.”

Estrangeiro: “E então? De quê chamaremos o que, cm virtude de uma visão desfavorável, parece assemelhar-se ao belo, mas que, se alguém fosse capaz de observar adequadamente tamanhas obras, nem se assemelharia ao que diz se assemelhar? Não seria um fantasma [*phantasma*], já que parece, mas não se assemelha?”

Teeteto: “Por que não?”

Estrangeiro: “Ora, e essa não é uma parte significativa tanto da pintura, quanto da arte da imitação?”

Teeteto: “Como não?”

Estrangeiro: “A arte que produz o fantasma, mas não a cópia, não a chamaríamos mais corretamente de arte fantástica [*phantastike*]?”

Teeteto: “Certamente.”

Estrangeiro: “Essas, portanto, são as duas formas de se fazer simulacros: a arte da cópia e a do fantasma.”

Fontes: Platão, *A república*, 598b-c e 600c-601b, edição do texto grego in *Platon, La republique*, Paris, Les Belles Lettres, 1965, X; *O sofista*, 233d-236, edição do texto grego in *Platon, Le sophiste*, Paris, Les Belles Lettres, 1950.

A PINTURA- textos essenciais - direção de Jacqueline Lichtenstein – Apresentação de Jean-François Groulier.  
Vol 5: Da Imitação à expressão. Pag 17-22 – Editora 34.


5

# A pintura

*Textos essenciais*

Vol. 5: Da imitação à expressão

Direção geral de Jacqueline Lichtenstein  
Apresentação de Jean-François Groulier

editora  34

